

## “BAILE DE MÁSCARAS” NO ENSINO REMOTO: IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE PARA/DA CRIANÇA

*Eixo Temático 09 – Corpos, gênero e infâncias: memórias, lutas e resistências na educação infantil.*

Anna Clara da Rocha Luz <sup>1</sup>  
Isabella Martins da Silva <sup>2</sup>  
Igor Vieira Cantelmo <sup>3</sup>  
Rafael Patrick Bonfanti Silva de Jesus <sup>4</sup>  
Amana Rocha Mattos <sup>5</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, analisamos o material de campo de um projeto de pesquisa e extensão em duas escolas públicas parceiras no Rio de Janeiro. As oficinas foram conduzidas pela equipe de estagiárias/os da UERJ, totalizando cinco encontros remotos semanais com três turmas de 2º ano e uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, realizadas pela plataforma Meets. Destacamos a atividade “Baile de Máscaras”, proposta a partir de demandas do período remoto do ano de 2021 e a dificuldade em invocar corpos e subjetividades no virtual. Após análise dos relatórios de campo, destacou-se como as máscaras construídas pelas crianças permitiram expressões de gênero e identidade pela via lúdica, além de, no contexto pandêmico, associá-las como uma ferramenta de expressão além de uma de cuidado com a saúde.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica da UERJ no projeto “Violência e Conflitos na Escola: Intersecções nos Processos de Subjetivação Escolar”, [anna.rocha1703@gmail.com](mailto:anna.rocha1703@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [isamartins81@gmail.com](mailto:isamartins81@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, [igor.vieiracantelmo@gmail.com](mailto:igor.vieiracantelmo@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, [rafaelbonfantejesus@hotmail.com](mailto:rafaelbonfantejesus@hotmail.com);

<sup>5</sup> Professora Associada do Instituto de Psicologia, Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenação do DEGENEREA - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros – RJ, [amanamattos@gmail.com](mailto:amanamattos@gmail.com);

**Palavras-chave:** Subjetividade, Infâncias, Covid-19, Escola, Gênero.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, compartilhamos achados de um projeto<sup>6</sup> de pesquisa e extensão oriundos de uma entrada em campo de forma remota, realizado em duas escolas públicas parceiras na cidade do Rio de Janeiro durante o ano de 2021, durante a pandemia de Covid-19. A partir desse material, em específico uma das atividades realizadas nas oficinas intitulada de “Baile de máscaras”, analisaremos seus resultados ao ser aplicada em três turmas de 2º ano, contendo um total de 26 alunos presentes com idade média dos participantes por volta de 7 anos e meio, da escola A, e uma turma de 5º ano da escola parceira B. Discutimos como se deu o surgimento das questões de gênero, corpo, identidade e possibilidades de se expressar mesmo diante de todas as limitações que o ensino remoto e a pandemia impuseram para as crianças mais novas, cuja principal forma de socialização e ambiente de subjetivação é o ambiente físico da escola.

Como referenciais teórico-metodológicos para condução das oficinas e das análises sobre o campo, utilizamos os feminismos interseccionais, os estudos de gênero e sexualidade, os estudos críticos da branquitude e teorias sobre os processos de subjetivação e subjetividades que levem em conta os marcadores sociais da diferença e sua influência nesses processos, lendo as práticas de campo a partir do contexto em que se apresentam.

A entrada em campo de forma remota ocorreu devido a uma demanda feita para o projeto pelas escolas parceiras; em uma delas já possuíamos parceria que precedia a pandemia do Covid-19 com entradas de campo presenciais; na outra, uma nova parceria que foi feita em 2021, onde era possível apenas intervenções de maneira remota. Apesar de serem escolas diferentes com turmas de níveis diferentes, ambas possuíam uma demanda em comum: que a entrada do projeto nas turmas pudesse, da forma que fosse possível, ser um espaço para que estudantes pudessem ter relações interpessoais e

---

<sup>6</sup> O projeto de pesquisa, intitulado “Processos de subjetivação nas escolas: intersecções de gênero, sexualidade e raça”, é coordenado pela coautora Amana Rocha Mattos e tem a primeira autora (bolsista de Iniciação Científica da Uerj) e demais coautores como integrantes. O projeto é desenvolvido com recursos provenientes da bolsa PROCIÊNCIA/Uerj.

momentos de socialização - o que entendemos *a posteriori* como uma criação de um espaço de luta e resistência para a garantia de um outro sentido de estar na escola no momento de ensino remoto, modalidade em que não há horário de recreação, ambientes de encontro e troca e cuja presença de adultos tem uma alta frequência de interrupções constantes feitas em aulas e atividades, dificultando com que a criança desenvolva um senso de independência e expressão corporal própria.

Retornando à atividade “Baile de máscaras”, sua escolha para destaque no trabalho se deu pois sua idealização e criação veio a partir da demanda do campo remoto de pensarmos nas atividades possíveis de se fazer dentro de todo o contexto de empecilhos dados. “Como garantir que o corpo se faça presente nas telas?”, tomamos como bússola a ausência de resposta para nossas dúvidas, e as reflexões que trazemos a partir dos resultados dessa pesquisa não se propõem a ser uma resposta única e final de como lidar com as ausências deixadas pelo ensino remoto, e sim um dos muitos possíveis caminhos a se trilhar para o rompimento de barreiras que foram levantadas ao longo desses dois anos pandêmicos. Como trabalhado por Zoletti e Pinto (2021), em um cenário tão novo e instável como a pandemia há muito mais perguntas do que respostas na atuação de campo, mas é se impulsionando a partir disso que motivamos o rumo de nosso trabalho.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada no trabalho da equipe foi a análise dos relatórios de campo das oficinas conduzidas de maneira remota pela plataforma Meets, em turmas do 2º e 5º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas parceiras do Rio de Janeiro. As oficinas foram conduzidas por cinco membros da equipe na escola A e quatro na escola B, num total de cinco oficinas ao longo de cinco semanas.

A oficina se divide em duas partes: a de contextualização da atividade e orientação da prática. Para contextualização, iniciamos a oficina colocando para as crianças presentes perguntas como “O que vocês acham que é um baile de máscaras?” “As máscaras escondem algumas coisas e mostram outras. Por que vocês acham que as pessoas se reúnem usando máscaras? Em que outros lugares podemos usar uma máscara?” e “Quem vocês conhecem, pessoa real ou personagem, que usa máscara no rosto - e por que usam a máscara?”. Após uma conversa sobre as diferentes funções e formatos das máscaras, adentramos a prática da atividade: pedimos para que, numa folha

de papel, cada estudante desenhasse sua própria máscara da maneira que quisessem para que no final fossem apresentadas para a turma. É necessário o cuidado de não dar muitas direções sobre o desenho para não tendenciá-los, e utilizar perguntas para ajudar a criança a pensar sobre qual seria sua própria ideia de máscara, incentivando a autonomia acerca de que forma escolheriam expressar suas subjetividades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao levarmos a atividade do “Baile de máscaras” para o campo, tínhamos como objetivo explorar como as crianças podem se expressar através da fantasia, de forma lúdica, usando a criatividade como uma ferramenta física na expressão da subjetividade. A oficina trabalha com o olhar do outro, do ser e do ser visto de outra perspectiva e, como pano de fundo, prevíamos que iria dialogar com o contexto da pandemia e do uso de máscaras respiratórias para prevenção da Covid-19, mesmo sem tal temática ser mencionada na aplicação da atividade.

Antes mesmo de iniciarem os desenhos, as perguntas disparadoras da atividade já fazem aparecer para nós questões de corpo e gênero. Em resposta à pergunta do que seria um baile de máscaras, uma das crianças afirma: “é um lugar onde homens precisam ir de terno, e mulheres de vestido”. Sobre a pergunta dos porquês de se usar uma máscara, as respostas variam entre “esconder quem você realmente é”, “uma coisa que pessoas chiques usam” e “se proteger do coronavírus”. Em resposta a quais outros lugares usamos máscaras, as respostas foram: “Halloween”, “Carnaval” e “a celebração do México, do Dia dos Mortos”. As respostas que nos foram dadas invocam as questões de corpo e identidade de aspectos variados, explicitando que a máscara pode ser feita para representar aspectos culturais, questões de afirmação de papéis de gênero como também algo que possa ser usado de maneira lúdica e fantasiosa.

Ao passarmos para a confecção das máscaras, nos encontramos com um empecilho comum oriundo do remoto ao trabalhar com crianças que é a intromissão parental. A mãe de um dos alunos da escola A entrevistou na atividade para explicar para o filho que era para fazer uma máscara cirúrgica, porém antes mesmo de termos a chance de esclarecer que esse não era o objetivo da atividade, o próprio aluno respondeu à mãe: “Não, é para fazer uma máscara tipo aquelas festas dos anos 80. Não precisa ser de Covid”. A forma com que a criança, naquele momento, sentiu-se segura para reforçar que ele sabia o que devia

ser feito na atividade e não sua mãe foi um momento em que a sua autonomia se fez presente tendo em vista que as turmas da escola A em que trabalhamos possuíam faixa etária entre 7 e 8 anos, e por serem crianças mais novas, era comum de que precisassem de maior suporte dos pais para entrar nos *links* das reuniões e acessarem plataformas digitais. O aluno em questão, ao corrigir a instrução da mãe, pode separar sua interpretação da interpretação do outro, tal discernimento sendo facilitado no presencial devido à distância física que a instituição proporciona, mas que foi dificultado no remoto onde o ambiente familiar se mistura no processo de aprendizagem.

Em relação às máscaras feitas, apareceram personagens e características com marcadores de gênero como máscara de super-heróis, em específico o do Homem Aranha que apareceu numerosas vezes, máscaras de princesas, e a super-heroína de animação “Lady Bug”, traduzido livremente para Mulher Joanelha. Também haviam máscaras sem um tema de personagem em específico, como máscaras que cobriam apenas os olhos, coloridas e com brilhos, e até mesmo algumas máscaras faciais para prevenção do coronavírus, também coloridas e unicamente caracterizadas.

Durante a execução das máscaras, em ambas as escolas surgiram questões acerca da forma “certa” ou “errada” de se fazer as máscaras, as/os alunas/os muito preocupadas/os com a máscara estar certa e bonita como nos diziam, acusando presença da lógica escolar de “aprovado” e “reprovado”. Partindo de que na atividade as máscaras são um reflexo de suas subjetividades, podemos entender a preocupação estética que surge, e também podemos entender como o corpo, mesmo remoto, se faz presente. Na escola B, uma das alunas sugere que se faça um concurso para decidir qual máscara era a melhor, ao que uma outra aluna da turma responde que “é melhor não fazer isso para não acabar com a autoestima de ninguém”, traçando um paralelo direto entre autoimagem e a representação do desenho, além da lógica escolar avaliativa. Uma terceira aluna também sugere que todos façam máscaras cobrindo o rosto inteiro, para que eles tentassem adivinhar quem é, porém os colegas de turma chamam atenção para o fato de que, com os nomes na tela da câmera, não seria possível fazer a brincadeira funcionar. Esse momento se mostra para nós como evocação do presencial e o ponto onde se deparam com uma limitação do remoto.

Nesse sentido, cabe registrar que a escola A foi inserida e alfabetizada no ambiente escolar a partir do remoto, sem contato prévio com o espaço físico, enquanto a escola B experimentava essa transição de outra forma. No decorrer da atividade da escola B, alguns



alunos compartilharam entre si dicas de como prender as máscaras usando lápis, pincel ou raquete de ping-pong, numa tentativa de ajudar os outros colegas e a com isso se implicam de forma inventiva (hooks, 2020, p. 103), mostrando os arranjos e criatividade no lidar da atividade proposta. Ao final, uma aluna diz que gostou tanto do que fez que poderia abrir uma empresa de máscaras.

Observamos que as máscaras permitiram que as crianças se expressassem por outra via, para além do uso da linguagem, utilizando a criatividade para transmitir a mensagem desejada, não precisando colocar a si próprios na linha de frente, o que facilita o trabalho dentro do espaço familiar, facilitando uma expressão de corpo, gênero e subjetividades mais livre e ludicamente. A máscara aqui não se apresenta apenas com a intenção de esconder, e sim de se apresentar por uma outra faceta; podemos tomar como exemplo a máscara do Homem Aranha ter sido a mais desenhada pelos alunos e arriscar possíveis explicações para tal fato serem as possibilidades que o anonimato do personagem permite a quem usa sua máscara. O disfarce do Homem-Aranha cobre-o da cabeça aos pés, e isso permite que as crianças possam, dessa forma, se enxergar nesse personagem independente de gênero, raça e identidade. A tentativa da atividade em que todos fizessem máscaras que cobrissem o rosto por completo também se relaciona com essa discussão, uma vez que as/os alunas/os desejavam ser reconhecidos não pelo que é dado, mas por como você escolheu se apresentar para o mundo naquele momento.

Souza (2021) aborda os lugares de escuta que o psicólogo pode ocupar no ambiente escolar, considerando que somos muito convocados por questões trazidas pelo corpo docente e/ou pelos pais. Se deparar com campo remoto e o contexto de isolamento fez emergir a necessidade de construção de uma oficina que dialogasse com as demandas, muitas vezes implícitas, que as crianças traziam. A atividade permitiu um espaço de expressividade compartilhada, por vezes ofuscada pela rigidez de fazer escola sem chão ou paredes. Analisar a oficina traz como reverberação o campo possível de trocas, retomando Souza (2021), que entende a potência de um espaço que nos isola espacialmente mas se constitui como uma janela para além do ambiente familiar. Transitar entre o âmbito familiar e escolar sempre foi um desafio (hooks, 2020). Um espaço em que as crianças exerçam tal autonomia pode também ser considerado como lugar de resistência.

A atividade fez surgir algo que é próprio do meio educacional: o reflexo das exigências escolares. As diversas vezes em que os alunos perguntavam se algo estava

“certo ou bonito” dão uma pista da maneira com que as crianças se relacionam com seu processo de aprendizagem e com a oficina em si. A virada da atividade aponta um paradoxo da máscara (que esconde ou cobre algo), desmascarando sentidos e significados. Como visto e citado pelos próprios alunos, muitos "Heróis e Princesas" acabam utilizando máscaras para esconder suas identidades, mas invocando a real intenção desse ornamento facial vai um pouco além de esconder a identidade. Muitas são utilizadas para não demonstrar tristeza, dor, sentimentos humanos que poderiam subjugar o mal ou o seu adversário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da atividade "Baile de máscaras" em contexto pandêmico, mesmo que não intencionalmente, nos fez refletir sobre as expressividades que surgiram com esse tipo de proteção. Os diferentes tecidos, cores, formatos e confecções configuraram não apenas diferentes graus de proteção contra o coronavírus, mas também formas de se apresentar a um novo normal sem sorrisos aparentes. Em alguns casos, o senso estético na escolha da máscara tem mais peso do que a própria proteção individual oferecida por ela, o que é uma questão complexa e nos faz refletir quão forte é esse desejo de subjetivação e sobre a preocupação de ser percebido pelo outro de uma forma que reflita sua forma de se ver no mundo.

Por fim, a experiência de se estar dentro da escola de forma remota em um momento crítico para todos aqueles que fazem parte da instituição também nos permitiu enxergar de perto as disparidades socioeconômicas que a pandemia intensificou, e que a escola como instituição física e como ente possibilitador da formação de subjetividades a partir da interpessoalidade estão intrínsecas e dependem uma da outra para pleno funcionamento, e que o ensino remoto focado apenas em transmissão de conteúdo evidenciou suas limitações em cumprir com seu papel escolar que é a garantia de expressão das/os alunas/os e garantir que as crianças tenham seu momento de recreio e interação é uma forte forma de resistência. Enxergamos nosso trabalho não como uma solução para as falhas do remoto, e sim como uma construção de redes de apoio que, entendendo a importância do campo presencial, se volta ao remoto para invocar a presença que ainda permanece ali.

hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria e prática. São Paulo: Elefante, 2020.  
Trad. Bhuvi Libanio

SOUZA, C. A. de. Notas sobre o fazer de uma psicóloga escolar na pandemia . Estilos da Clínica, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 17-28, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v26i1p17- 28. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178685>. Acesso em: 2 jul. 2022.

ZOLETTI, D. R. L.; PINTO, M. DA S. Ministrando uma Oficina Remota em tempos de pandemia: uma experiência vivida por duas docentes humanistas dos cursos de Licenciatura em Letras da UFRRJ. Signo, v. 46, n. 85, p. 239-247, 6 jan. 2021.